



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

COMPORTAMENTO REPRODUTIVO DE ANIMAIS DA RAÇA PANTANEIRA SUBMETIDOS À MONTA NATURAL

**Wilian Aparecido Leite da Silva¹; Henrique Kischel, Elielton Dias da Silva Arruda²,
Mariane Gabriela², Caroline Ferreira Medeiros², Fabiana de Andrade Melo Sterza³**

UEMS/Unidade universitária de Aquidauana-MS Email:wilian.leite@live.com

¹Bolsista de Iniciação Científica da UEMS; ³Orientadora, Professora da UEMS.

INTRODUÇÃO

O bovino Pantaneiro (*Bos taurus taurus*) é uma raça brasileira adaptada às condições extremas de temperatura, umidade e qualidade das pastagens naturais do Pantanal, esta raça teve origem na Península Ibérica e entraram em território brasileiro durante a colonização das Américas (BORGES; JULIANO; BARINI., 2011)

A partir da década de 1930, com a chegada dos zebuínos na região, os criadores passaram a realizar cruzamentos indiscriminados entre estas duas raças, atribuindo os ganhos genéticos na heterose obtidos com a participação dos zebuínos (*Bos taurus indicus*) esquecendo-se de contar os 50% pertencentes aos bovinos Pantaneiros (SERENO, 2002). Com a frequência desordenada deste tipo de cruzamentos logo se constituiu um processo de deriva genética da raça Pantaneira.

Em 1984 foi inserido o núcleo de conservação *in situ* para caracterização do Bovino Pantaneiro na fazenda Nhumirim, pertencente a Embrapa Pantanal, a partir daí o rebanho vem sendo qualificado em seus aspectos genéticos e produtivos (ABREU *et al.*, 2000). Outros núcleos de conservação foram criados (Aquidauana, Rochedo, Poconé e Brasília) com o objetivo de fomentar a raça.

A extinção dessa raça representaria uma perda significativa para a ciência, pois com elas desapareceriam também inúmeras informações contidas na sua estrutura genética, desenvolvidas ao longo de vários anos por seleção natural (MARIANTE; CAVALCANTE, 2000).



Quanto às características reprodutivas dos bovinos pantaneiros, eles são considerados de alta fertilidade e boa habilidade materna (MAZZA et al. 1994), no entanto poucas informações de caráter científico existem a esse respeito.

O objetivo desse trabalho foi caracterizar o comportamento de animais da raça Pantaneira submetidos a manejo de monta natural.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado no Núcleo de Bovinos Pantaneiros (NUBOPAN) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul / Unidade Universitária de Aquidauana (UEMS) e têm por objetivo principal a multiplicação de fêmeas da raça “Pantaneira” detentoras de genética leiteira.

Para entender melhor o comportamento reprodutivo das fêmeas e dos touros da raça Pantaneira procedeu-se a observação desses animais durante 8 dias ininterruptos, ou seja, 24 horas por dia. Para este procedimento, utilizaram-se 26 fêmeas e dois touros. Antes do início das observações as fêmeas foram submetidas a avaliação ginecológica por ultrassonografia. Todas as vacas que apresentaram corpo lúteo receberam 25 mg de dinoprost (análogo da prostaglandina, Lutalyse®) IM.

O lote foi dividido, sendo metade ($n = 13$) para cada touro. As observações foram feitas durante 8 dias, a partir da aplicação de prostaglandina. Observaram-se os seguintes comportamentos: número de vezes que a mesma fêmea foi montada, tempo de cortejo, número de vezes que o touro fez o reflexo de flehmen, além disso, foram observados a porcentagem de permanência no sol/sombra, ócio em pé(OCP), ócio deitado (OCD), ruminando em pé (RP), ruminando deitado(RD), comendo(COM) e dormindo(DOR).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste Trabalho, buscou-se identificar os hábitos reprodutivos dos machos, verificando o número de montas na mesma fêmea, tempo de cortejo, assim como, o número de vezes que os mesmos realizaram o reflexo de flehmen.



Na tabela seguinte estão apresentados os dados referentes ao comportamento dos touros avaliados, durante o dia e noite.

Tabela 1 : Comportamento dos touros da raça Pantaneiro durante o dia e a noite.

DIA							
	% OCP	% OCD	% RP	% RD	% COM	% SOL	%SOMBR A
Touro 1	27,5	7,5	10	17,5	37,5	86,3	13,7
Touro 2	27,3	12,1	12,1	6,1	42,4	83,2	16,8
Media	27,4	9,8	11,1	11,8	40,0	84,8	15,3
NOITE							
	% OCP	% OCD	% RP	% RD	% DORM		
Touro 1	38,7	12,9	16,3	19,3	12,9		
Touro 2	33,2	22,5	11,1	22,1	11,2		
Media	36,0	17,7	13,7	20,7	12,1		

Durante o dia, ambos os touros tiveram um comportamento semelhante. Foi possível observar que os touros da raça Pantaneiro permanecem mais em OCP (27,4%) do que em OCD (9,8%). As medias de RP e RD foram semelhantes, sendo 11,5 e 11,8 respectivamente. Além disso, os touros passam em media 40 % do dia pastejando, sendo que a maior parte do tempo no sol (84,8 %).

Durante a noite, a taxa média de OCP foi de 36% e a de OCD foi de 17,7%. As medias de RP e RD foram de 13,7% e 20,7% respectivamente. Os animais passaram pouca parte do tempo dormindo (12,1%), isso pode ter tido relação com o fato das fêmeas terem sido sincronizadas e estarem em pro-estro ou estro.

A tabela 2 demonstra o comportamento reprodutivo dos touros avaliados em relação as fêmeas que apresentaram cio no período observado.



Tabela 2: Comportamento reprodutivo de touros da raça Pantaneiro.

Touro 1			
Vaca	N. de montas	Tempo de cortejo hs	N. Reflexo de flehmen
A1	3	06	3
A2	7	05	5
Média	5	5,5	4
Touro 2			
Vaca	N. de montas	Tempo de cortejo hs	N. Reflexo de flehmen
D1	8	18	17
D2	4	05	3
D3	1	12	2
D4	7	08	5
D5	10	08	6
D6	1	08	2
Media	5,2	8,8	5,8

A média do número de montas sobre uma única fêmea foi semelhante entre os dois touros. O tempo de cortejo foi maior para o touro 2, no entanto ressalta-se que o animal mostrou preferência por uma das fêmeas que foi cortejada por um período bem mais longo que as outras.

O reflexo de flehmen foi realizado inclusive para fêmeas que não demonstraram cio aparente.

As vacas que foram submetidas ao manejo com os touros e não foram cobertas, posteriormente, foram submetidas a avaliação por ultrassonografia. Esta avaliação teve como objetivo identificar as vacas que ovularam e não manifestaram cio. Foi constatada a ocorrência de cio silencioso em 33% (6/18) das fêmeas avaliadas, pois ovularam sem demonstrar o estro ou ser cobertas pelo touro.

Os horários de montas foram aproximadamente das 16:00 horas até as 19:30 e de 01:30 as 06:00 horas.

CONCLUSÃO

A fisiologia da reprodução dos bovinos da raça Pantaneira é diferente dos bovinos em geral, provavelmente pela diferença que existe em relação aos anos de seleção genética. Para melhorar a eficiência dos programas de conservação de animais



dessa raça, mais estudos a respeito da fisiologia reprodutiva desses animais deverão ser realizados.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, U G. P., SERENO, J.R.B. E LARA, M.A.C.. Núcleo de avaliação zootécnica conservação in situ de gado no Pantanal Pantaneiro Brasileira. Arquivo de Zootecnia, 49: 2000. 27-30.

BORGES,A.C; JULIANO,R.C; BARINI,A.C. Características Hematológicas de Bovinos (*Bos taurus*) Sadios da Raça Pantaneira. In: Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Pantanal, ISSN 1981-7215; 104. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2011.

MARIANTE, A. da S.; CAVALCANTE, N. Animais do descobrimento: raças domésticas da história do Brasil. Brasília, DF: Embrapa-Assessoria de Comunicação Social: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2000. 228 p.

MAZZA, M. C. M.; MAZZA, C. A. S.; SERENO, J. R. B. et al. Conservação do bovino pantaneiro. In: MAZZA, M. C. M.; MAZZA, C. A. S.; SERENO, J. R. B. SANTOS, S. A.; PELLEGRIN, A. *O Etnobiologia e conservação do bovino pantaneiro*. Corumbá: EMBRAPA, 1994, p.45-54.

SERENO,J.R.B. Uso potencial do bovino pantaneiro na produção de carne orgânica do pantanal. In: I Conferência Virtual Global sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte. 2002.